

## O DILEMA DOS JOVENS PRODUTORES FAXINALENSES: DO ÊXODO À RETENÇÃO

*The dilemma of Young faxinalian producers: from the expression. To the retention*

Jean Felipe de Bona Stahlhoefer<sup>1</sup>

Recebido em: outubro de 2017

Aceito e Publicado em: dezembro de 2017

### Resumo

Buscaremos abordar neste artigo algumas questões relativas à juventude do sistema faxinal da região sudeste do Paraná, passando por sua gênese à suas crises e reconstruções. Considerando a juventude como objeto central do estudo, discutiremos os apontamentos da APF (Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses) sobre os 10 anos de lutas contra os descasos e ataques contra seus territórios, bem como as experiências positivas na perpetuação de uma nova geração de agricultores no campo.

**Palavras-chave:** Sistema Faxinal; Êxodo Rural; Juventude Faxinalense.

### Abstract

This paper will try to discuss some questions related to the youth of the faxinal system, passing through its genesis to its disaggregation and reconstruction. Considering the youth as the central object of the study, we will explore the APF's (Articulation of Faxinal's Peoples) comments on the 10 years of combats against government negligences and attacks against their territories, as well as the positive experiences in the perpetuation of a new generation of farmers in this production system.

**Keywords:** Faxinal System; Rural Exodus; Faxinal Youth.

## INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios para as populações tradicionais dos faxinais paranaenses têm sido a formação e retenção de jovens agricultores para a manutenção de seu modelo organizativo e social. O esforço conjunto de diversos agentes e organizações criadas pelos moradores, como a APF (Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses), são de fundamental importância para a perpetuação dessa experiência organizativa e cultural. Muitos desses faxinais lidam com o fim das organizações comunitárias e das normas consuetudinárias e também com as dificuldades na manutenção dos elos coletivos que nortearam os arranjos comunitários e adaptativos dessas

comunidades ao longo do tempo. Por acreditarem que na agricultura convencional terão maiores oportunidades para a concretização de suas aspirações sociais e profissionais, ano após ano, muitos agricultores faxinalenses abandonaram as práticas do criadouro comum, o que pôs em risco a continuidade desse modelo de agricultura já fragilizado.

Neste artigo abordaremos as questões relativas a desarticulação dos faxinais, os agentes que atuam em favor e contra esse modelo produtivo e organizativo, o papel da juventude na formação de uma nova geração de agricultura e as conseqüências do êxodo desses jovens e as estratégias adotadas pela APF para combater aquilo que eles entendem como prejudicial à reprodução dessas comunidades tradicionais.

### **Gênese do sistema faxinal**

O surgimento das primeiras formas de ocupação das Matas com Araucária do Paraná ocorre devida às diferenças entre as paisagens dos Campos e das Matas de Araucária. Foi no contexto do fim da experiência jesuítica em 1628, com a expulsão dos indígenas e padres do oeste do estado do Paraná pelos bandeirantes paulistas que se deu um forte despovoamento desta região de floresta. Somente alguns grupos indígenas caçadores-coletores, em especial os Kaingang, que permaneceram em transumância entre as Matas de Araucária e os Campos. (LÖWEN SAHR, 2005)

Quando foram descobertas jazidas de ouro e pedras preciosas no sudeste, surgiu a necessidade de suprir a forte demanda por animais eqüinos e bovinos de carga para o transporte das minas aos portos. Por isso uma elite rural ocupou com grandes fazendas de gado os campos e expulsou gradualmente os grupos nativos Kaingang de suas terras. As matas serviram de abrigo não apenas aos recém afugentados, mas também para os remanescentes de grupos Guarani, vaqueiros, escravos fugidos, familiares de bandeirantes e aventureiros. (CHANG, 1988)

Durante o século XVIII, surge uma população que utiliza a floresta como meio de sobrevivência – os denominados Caboclos<sup>2</sup>. Este grupo desenvolveu um sistema agrossilvopastoril derivado da estrutura de subsistência das grandes propriedades dos campos gerais, principalmente no que diz respeito à criação de animais soltos e ao cercamento das lavouras, (CHANG, 1988) onde a paisagem foi determinante para caracterizar a gênese deste tipo de povoamento bem com suas identidades regionais.

Com a junção das práticas indígenas, dos negros e dos bandeirantes que surge uma forma de organização coletiva que daria origem ao sistema de faxinal como conhecemos hoje. O uso comum das terras pelos indígenas, a prática de criação de animais adquirida na experiência da

criação de gado nas fazendas dos campos pelos escravos africanos e a extração da erva mate pelos diversos agentes atuantes – constituíram os princípios formadores dos faxinais no século XVII. (LÖWEN SAHR, 2005)

Somente no final do século XIX, com a chegada dos imigrantes da Ucrânia e Polônia, que os faxinais receberam as primeiras influências do imigrante europeu. Ao chegar na região, o colono imigrante foi abandonado por parte do estado e deixado em extrema miséria, passando o primeiro ano no novo mundo sem receber as terras prometidas pelos recrutadores que agenciaram a viagem ao Brasil. Somente após longa espera, que foram destinadas as terras prometidas, porém, em áreas pouco favoráveis, com matas fechadas de densa vegetação milenar.

Com poucos recursos em mãos, os imigrantes precisavam aprender a cultivar a terra conforme a aptidão agrícola daquela região, abrir espaço na mata fechada e construir suas moradias. As autoridades locais imaginavam que o imigrante europeu trariam consigo técnicas que modificariam a estrutura agrícola local. Entretanto, devido as precárias condições de infraestrutura e a falta de apoio oficial para promover mudanças, os imigrantes foram obrigados a se adaptarem adotando técnicas locais de produção (CHANG, 1988).

Com a experiência dos caboclos que já viviam no local, os colonos aprenderam como tirar seu sustento da mata. Ao invés de derrubar e atear fogo em toda a vegetação, os caboclos desmatavam somente a vegetação rasteira e mantiam as grandes árvores. Assim conciliavam a coleta do pinhão no inverno, o extrativismo da erva mate que naturalmente havia nas florestas e deixavam os animais soltos em meio à vegetação (SENIUK, 2014).

Com o tempo, segundo Chang, os imigrantes transformam as terras cobertas pela mata densa em lavoura e passaram a acumular pequenas somas com a venda dos excedentes da produção, garantindo com isso sua reprodução no novo continente. A consolidação do sistema faxinal foi fortalecida quando se instituiu um sistema de cercas que desempenharam um papel fundamental na ampliação das áreas de lavouras e na quantidade de animais nos criadouros, deixando de lado a prática de roças itinerantes adotadas pelos caboclos e a criação de animais à solta, minimizando com isso os conflitos entre vizinhos.

Deste modo, a identidade do faxinalense foi moldada conforme um pacto social consuetudinário<sup>3</sup> de necessidades recíprocas entre o povo caboclo (brasileiro) e o imigrante ucraniano e polonês no novo espaço agrário em que se estabeleceram. As relações de trabalho e produção se mantiveram em sua essência durante boa parte do século XX, resistindo até ser posto à prova pela modernização da agricultura, na chamada Revolução Verde nos anos 1970.

Muitos teóricos<sup>4</sup> alertaram para o fim próximo das relações tradicionais da agricultura de comunal predominante nos faxinais. Com muitos produtores fragilizados e endividados, iniciou-se o êxodo do campo.

### **A Organização do Sistema Faxinal**

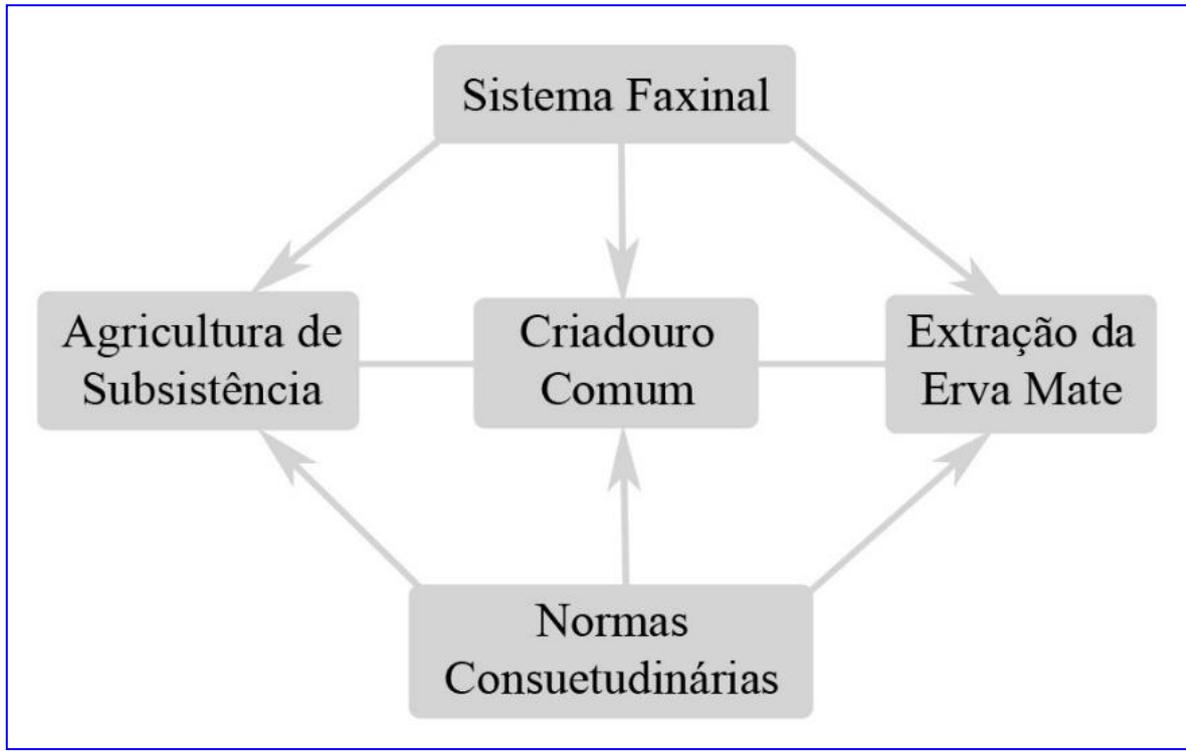
O sistema faxinal, característico da região de Matas Mistas com Araucária no sudoeste do Paraná, se caracteriza no processo de ocupação do território como um sistema produtivo agrossilvopastoril, cujo as origens remontam à Idade Média mas que ganharam características próprias conforme foram moldados pelos diversos agentes que compuseram sua gênese.

O funcionamento desse modelo de produção é caracterizado pela divisão de dois espaços distintos separados por cercas: as “terras de criar”, local de uso coletivo onde localizam-se as residências dos moradores, a criação extensiva de animais e extração da erva mate na qual se preserva a Mata de Araucária; e as “terras de plantar”, locais de uso privado destinados à policultura alimentar de subsistência onde cada morador desenvolve o cultivo conforme seus costumes e necessidades. Nerone (2015) conceitua o modo de produção faxinal como “um conjunto articulado entre terras de criar e as de plantar, envolto por um arcabouço cultural que tem por eixo o criadouro comum”.

Muito diferente da imagem estereotipada do estado do Paraná como grande produtor de soja e milho em extensas lavouras mecanizadas, este modelo de agricultura está presente há três séculos no Paraná, sendo uma das formas mais tradicionais da agricultura familiar camponesa no estado, embora existam componentes produtivos comuns que norteiam as comunidades, não existe uma padronização nas formas em que se organizaram cada faxinal, se comportando de maneira variada em cada localidade, uma vez que suas bases culturais, econômicas e políticas são distintas devido aos diversos ciclos de imigração. (SCHUSTER, 2011)

Esta forma característica de organizar o espaço está ligada ao valor da floresta para a geração de renda. Os ervais nativos que crescem na região propiciam a extração do mate que é comercializado na região, além de servirem como criadouro no pastoreio extensivo. O volume do pastoreio e a quantidade de ervais disponíveis determinam as mudanças na paisagem e o tipo de vegetação existente. A preservação e reprodução do ecossistema Araucária está intimamente ligado ao Sistema Faxinal pois ali são conservadas as condições naturais de reprodução da fauna através do equilíbrio hídrico, dos solos e da vegetação.

**Figura 1** - Sistema Faxinal e seus componentes



Fonte: NERONE, 2015, p.77

Os espaços dos criadouros coletivos e suas matas são compostas por propriedades de proporções diferenciadas, pertencentes a vários donos e as vezes utilizadas por trabalhadores que não possuem terras, mas que as utilizavam em troca da sua força de trabalho. Na relação com a propriedade da terra, evidencia-se dois grupos diferenciados: os proprietários e os usuários.

No grupo dos proprietários, encontram-se dois subgrupos: os proprietários das áreas de lavoura e das terras de criar, e os proprietários de uma extensão de terra dentro dos pastos das terras de criar. Aos proprietários é garantido o direito exclusivo do corte ou alteração da vegetação e dos criadouros, cabe ao dono da terra dispor da extração da erva mate. Já o grupo dos usuários é formado pelos que não possuem terras mas usufruem do direito de criar animais no criadouro e servem como mão de obra para os proprietários de terras. Há ainda aqueles que não possuem benfeitorias, nem terras, nem animais, quando muito possuem alguma ferramenta de trabalho e acabam vivendo de favores (NERONE, 2015).

As relações de trabalho acontecem muitas vezes baseadas em manifestações de solidariedade entre proprietários e usuários. A prática de mutirões ou puxirões é presente quando

há necessidade de capinagem, roçado, semeadura ou colheita, ou na manutenção nas cercas do criadouro. Quando recebido o convite por parte de um morador, raramente era recusado pelos demais residentes da comunidade, porque negar a ajuda teria seu preço, quando chegasse a sua vez de receber algum auxílio. Tais práticas davam ao sistema produtivo um caráter comunitário, predominando sobre um interesse meramente individual. Os puxirões frequentemente tinham caráter festivo, terminando em baile nos finais de semana animado por um gaiteiro (NERONE, 2015).

Nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul os faxinais foram presentes em quantidade razoável, no entanto fazem há muito tempo parte do passado devido principalmente à colonização europeia que implantou na agricultura um modo de produção individualizado, desagregando as comunidades quando um novo proprietário de terras resolvia romper com as relações sociais coletivistas que mantinham a reprodução do sistema.

### **A desagregação do Sistema Faxinal**

A chamada Modernização Agrícola abriu caminho para a consolidação do controle da cadeia produtiva de alimentos através da privatização da vida vegetal e nos direitos de propriedade intelectual obtidos por poucas empresas agroindustriais transnacionais que detêm o domínio de produção de sementes, insumos e maquinários, cobrando por eles o quanto julgar interessante. O melhoramento genético de sementes e uso intensivo de insumos agrícolas desencadeou uma série de transformações sem precedentes na agricultura mundial.

Apesar da pressão pela modernização, os povos tradicionais têm resistido com seu modo de vida nos Faxinais<sup>5</sup>. Segundo Löwen Sahr (2005), haviam nas regiões de Mata com Araucária do estado do Paraná cerca de 50 faxinais remanescente até o ano de 2005, embora muitos desses se encontrem sob constante ameaça por parte dos interesses pela implantação de um modelo de agricultura voltado para o agronegócio ou pressionados pela expansão imobiliária, onde muitas pessoas de classe média se vêm atraídas pela possibilidade de adquirir chacaras e sítios dentro dos faxinais, como opção de lazer por conta da preservação dessas áreas.

As políticas do agronegócio seguem a linha neoliberal de economia, por isso constroem um quadro de liberação predatória da agricultura faxinalense baseado no livre comércio. Os altos custos produzidos e as dificuldades em conseguir financiamentos causaram a desarticulação entre as comunidades, criando um vácuo que é preenchido pelo produtor com maior envolvimento com a produção voltada ao mercado. Quando a figura do agricultor moderno

entra adquirindo lotes ou cercando o criadouro comum, dá-se o primeiro passo para o fim de um faxinal, pois nesse momento rompem-se as relações coletivas de trabalho e o elo que une as comunidades.

O fim dos criadouros comuns e das relações associativistas desestrutura a diversidade produtiva que assegura os pequenos produtores no campo e por isso provoca migração e concentração da terra na mão de poucos. A desarticulação do faxinais torna-se visível pela diminuição de suas áreas, onde torna-se cada vez maior a transformação das áreas de criadouro em áreas de cultura individual pelo cercamento das propriedades individuais. Este processo de desagregação se deu de forma gradual, iniciando-se pelo abandono da criação de pequenos animais à solta, posteriormente com a saída de alguns proprietários da comunidade pelo desinteresse em criar à solta (CHANG, 1988).

A concentração fundiária iniciada nos anos 1970 causa ainda hoje a desestruturação das comunidades tradicionais. Observamos que o faxinalense sofre para assegurar sua sobrevivência no campo por fatores como a inexistência de políticas públicas que impeçam interferência externa, base jurídica que vai contra suas formas de organização, dificuldades em obtenção de financiamento junto aos bancos, etc.

A partir ditadura militar, a política de financiamento da produção exige fiadores ou hipoteca de terras para obtenção de recursos. No entanto, como muitos faxinalenses não possuem a posse das terras ou bens para garantia, acabam à margem das linhas de créditos. Por isso, diversos faxinalenses sem terra se viram de fora das políticas de crédito, forçando o aumento das desigualdades sociais entre os produtores e criando o êxodo.

Com o esfacelamento as relações coletivas de produção e o espaço antes coletivo se transforma em espaço individualizado, deixando o faxinalense sem terra sem alternativa, a não ser o êxodo rural. Além das perdas materiais, soma-se a isso a perda de uma identidade social e cultural única, desencadeando o desenraizamento do modo de vida estável e o fim de sua identidade cultural (NERONE, 2015).

Outro fator que fomentou a desestruturação dos criadouros comuns foi o clima de incerteza gerado na década de 1970 quando foi posta em prática a “Lei Federal dos Quatro Fios” do Código Civil de 1916 que estabelecia sobre as questões relativas à vizinhança. O artigo 588 estabelecia que as criações é que deveriam ser cercadas e não as plantações, o que contradizia as leis municipais que regulamentavam os criadouros de diversas localidades. Desde que o proprietário tivesse suas terras cercadas por quatro fios de arame, caso algum animal penetrasse sua propriedade, seria considerado invasor e portanto poderia ser apreendido. Tal lei intensificou ainda mais a divergência sobre a praticidade desta forma de criação a solta. Os persistentes

continuaram suas criações, mas em número reduzido. Ao mesmo tempo, os dados de lavouras e matanças de animais cresciam gradativamente e junto a isso os conflitos se acirravam. (CHANG, 1988).

As divergências entre produtores da mesma comunidade tornaram-se cada vez mais comuns e com isso os conflitos de avolumaram. Aqueles que defendem o sistema faxinal podem parecer nunca análise rasa, desunidos ou desorganizados, porém, o que há é um conjunto de forças inibidoras que retirou a esperança dos produtores e afastou as perspectivas daqueles que estariam dispostos em reestabelecer os criadouros. Segundo Chang, esta força seria produto das transformações nos processos produtivos deliberados pelo poder governamental e produto de uma conjuntura legal desfavorável.

No entanto, existem diversas estratégias de adaptação utilizadas pelos agricultores faxinalenses que tem dado resultados positivos na fixação de uma nova geração de produtores, como o investimento em secadores para a erva mate, criação de padarias e outras estratégias para o processamento dos produtos agrícolas e obtenção de maior valor de mercado na comercialização, visando o incremento na qualidade de vida dos membros da comunidade.

### **O êxodo da juventude rural e o trabalho de base**

Para tratar do êxodo rural da juventude faxinalense, precisamos deixar claro que o sistema faxinal não é um modelo engessado, mas que procura sempre por adaptação aos ciclos econômicos que estão inseridos, e que em alguns casos encontra-se desestruturado por conflitos internos de tal forma que as transações selam o fim deste modelo de produção. Desta forma, buscamos verificar a hipótese do êxodo da juventude em direção às grandes cidades com dados secundários obtidos por pesquisas encomendadas pela Emater (1994) e IAP (2004). Apesar das pesquisas terem objetivos diferentes e terem sido levantados com metodologias distintas, com eles é possível verificar que muitos dos faxinais mudaram sua forma característica de organização tornando-se agricultores comuns, deixaram de existir ou encolheram suas áreas de cultivo.

Com base no levantamento realizado por Marques (2004) apud Soares (2012), já é possível estabelecer um comparativo entre os levantamentos da Emater (1994) e do IAP (2004). O Marques classifica os faxinais em: a) comunidades que permaneciam com criadouro comunitário; b) aquelas que permaneciam apenas com paisagem característica com Araucaria e em forte processo de desagregação, com criadouro comuns desativados; e c) aquela que tinham sido transformadas em simples comunidades de agricultores ou foram extintas.

Interessante notar que os autores apontam para o desaparecimento do uso coletivo da terra em 56 comunidades e o desaparecimento das Araucárias características da paisagem em 52 comunidades no hiato de 10 anos entre as primeiras pesquisas. Marques (apud Soares, 2012) constata que dos 152 faxinais existentes em 1994, somente 44 conservavam suas características originais em 2004. Com base nisso levantamos a hipótese que ainda será verificada em campo nos desdobramentos desta pesquisa de que há, além da desestruturação das comunidades, um desinteresse pelas novas gerações pela manutenção dos criadouros comuns ou até mesmo pela vida no campo.

**Figura 2** – Mapa de localização das comunidades faxinalenses remanescentes, em desarticulação e extintas.



**Fonte:** Os autores.

Nos últimos Censos Demográficos<sup>6</sup> (2000 e 2010) é possível notar que em quase todos os municípios onde se encontram Faxinais (com exceção de Rio Azul e Guaramiranga) houve retração do número de jovens no campo na faixa etária de 18 aos 29 anos. Prudentópolis, Irati e São Matheus do Sul se destacam como municípios que mais perderam população jovem no campo, com decréscimo de 1070, 593 e 323 habitantes respectivamente.

Apesar da retração do número de faxinais, ainda existem 11 faxinais que preservam suas características originais, se reconhecem como tal e mantêm uma relação com o território e seus recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social e econômica, utilizando conhecimentos que são transmitidos pela tradição, por isso se enquadram como Comunidades Tradicionais.

Muitos Faxinais já estão incluídos nas políticas públicas criadas através do Decreto n. 6040 de 7 de fevereiro de 2007 para proteger os Povos Tradicionais (Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais) ligada ao Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), no entanto poucas são as ações efetivamente realizadas por parte do estado para proteção destas comunidades tradicionais. É neste contexto que a APF mostra sua importância para promover conquistas para o faxinalense.

O que leva a muitos jovens a deixarem o campo não é a vontade de viver o estilo de vida agitado das cidades, mas sim as dificuldades de alcançarem em plenitude o potencial de desenvolvimento das atividades do campo. Para isso, é necessário uma nova política fundiária que abra caminho para que os jovens agricultores possam realizar suas vocações e desejos profissionais (ABRAMOVAY, 1998). Essa inovação já existe em alguns faxinais articulados pelos movimentos sociais, com tecnificação e profissionalização, buscando rearranjo das potencialidades produtivas, fazendo seu trabalho de base para a fixação dessa população no campo.

Apesar do Faxinal ser um modelo socioeconômico alicerçado em três viezes (criadouro comunitário, extrativismo da erva mate e agricultura de subsistência) de forte tradição, quando emergiram mudanças nos ciclos econômicos, o faxinalense foi obrigado a adaptar-se conforme as novas determinações do mercado.

A diminuição da importância econômica do extrativismo da erva mate em substituição pela agricultura convencional e o fim dos criadouros comuns são exemplo negativos que indicam essa tendência. Mas há também exemplos positivos das alterações estruturais, como a criação de panificações locais, o beneficiamento de alguns produtos agrícolas agregando valor comercial e outras estratégias (como o turismo rural) adotadas para promover a renda familiar e assegurar a fixação no campo.

Por isso entendemos que o sistema faxinal não deve ser visto como um modelo imutável, avesso às transformações ou baseado em elementos ultrapassados, mas ao contrário, neles se evidenciam características que os tornam ultramodernos por se enquadrarem nas premissas do desenvolvimento sustentável e por ser o modelo produtivo que mais se preocupou com a Mata de Araucária sendo justamente na região sudeste do Paraná onde o bioma se

encontra melhor preservado (LÖWEN SAHR, 2007). Dadas essas características, o modelo produtivo dos faxinais apresenta potencialidades locais que favorecem a exploração de atividades econômicas rentáveis ao novo produtor rural.

Entre as diversas frentes de luta pela permanência no campo se destaca o movimento social Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) que tem como objetivo unir forças e reivindicar direitos étnicos, coletivos e territoriais a fim possibilitar a permanência e reprodução nas comunidades faxinalenses. Em 2015, ocorreu o último encontro da APF na cidade de Guarapuava, onde foram discutidos os avanços em relação às políticas públicas criadas nos níveis do legislativo federal, estadual e municipal, bem como discutidas as questões de relevância na luta pela manutenção da terra.

Dentre as maiores conquistas, a APF comemora as cinco leis que nos últimos anos foram aprovadas em nível municipal na região sudeste do Paraná, a Lei Estadual dos Faxinalenses, a lei de criação do Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná, nove novas Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), bem como a construção de parcerias com entidades de apoio, pesquisadores e universidades que visam contribuir para a visibilidade do modo de vida faxinalense, seus sonhos e suas angústias.

Em carta divulgada ao final do último encontro da APF, o grupo avalia sua evolução nos 10 anos em que atua como movimento social, analisando as várias frentes de lutas e deixando claro que apesar dos avanços, continuam sofrendo com violências que ameaçam de forma profunda seu modo de vida, seus costumes e tradições.

Denunciam em sua carta diversos pontos que impactam contra os territórios de uso comum dos faxinais: 1) o crescimento dos investimentos no agronegócio que alimentam a ganância por novas áreas de cultivo das madeiras e cooperativas agroindustriais; 2) a contaminação dos solos por defensivos agrícolas em suas matas e olhos d'água; 3) a perda da agrobiodiversidade ocasionada pelos transgênicos; 4) a substituição de suas florestas de araucária por monocultivos florestais de pinus e eucalipto; 5) a perda da diversidade de plantas medicinais e animais e seus efeitos negativos nas práticas de medicina tradicional reproduzidos por meio de saberes e conhecimentos tradicionais detidos por inúmeras benzedoras e benzedores; 6) a crescente pressão do mercado especulativo de terras sobre seus territórios e o desrespeito por suas formas de organização do espaço; 7) a discriminação institucional de órgãos públicos em relação aos pedidos das lideranças faxinalenses e aos modos de pensar nos faxinais; 8) as ameaças sofridas, incluindo de morte, causadas pela defesa de seus direitos territoriais e 9) o descaso das prefeituras nos repasses do ICMS ecológico às comunidades.

Nesta lista de denúncias o movimento da APF deixa claro quem são os agentes que atacam seus interesses e formentam a desarticulação: 1) a especulação imobiliária; 2) as madeireiras locais; 3) as transnacionais detentoras de tecnologia agrícola; 4) o poder político das oligarquias locais e 5) a crescente concentração de terras nas mãos do agronegócio exportador. Deixam claro que suas lutas são contra agentes com forças econômicas desiguais, onde muitas vezes a batalha extravasa o campo econômico-ideológico e parte para ameaças e violências psicológica e até mesmo física.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve exposição e análise sobre os faxinais nos indica que a luta pela manutenção e reprodução desses povos tradicionais é árdua e ainda têm um longo caminho a percorrer. A manutenção desse sistema depende do entendimento da gênese das comunidades, as dinâmicas temporoespaciais e as diversas relações sociais que regem o funcionamento dessa classe social camponesa paranaense. Diversos são os agentes atuantes nestes processos, sendo na maioria das vezes resultantes de um jogo de forças desigual e contraditório do modo capitalista de produção.

Diante das observações apontadas neste artigo, devemos nos preocupar em proteger as identidades locais, sua cultura única e seus métodos de produção através dos movimentos sociais atuantes, bem como conhecer os conflitos que desestruturam a vida em comunidade e findam com o êxodo, visando, quiçá, minimizar as mazelas que o capitalismo globalizado cria.

## REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO PUXIRÃO DOS POVOS FAXINALENSES. **Carta Faxinalense**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/asafaxim/posts/1649898631934040:0>> Acesso em 21/07/2017.

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 6040 de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT.

CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal: Uma Forma de Organização Camponesa em Desagregação no Centro Sul do Paraná**. Londrina, IAPAR, Boletim Técnico n. 22, 1988.

IBGE - **Censo Demográfico 1991** – Características Gerais da População e Instrução, Rio de Janeiro, IBGE, 2000.

IBGE - **Censo Demográfico 1991** – Características Gerais da População e Instrução, Rio de Janeiro, IBGE, 2010.

LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. O Significado Social e Ecológico dos Faxinais: Reflexões Acerca de uma Política Agrária Sustentável Para a Região da Mata com Araucária no Paraná. **Revista Emancipação**, v. 5, n. 1, UEPG, 2005.

LÖWEN SAHR, C. L. O pré-moderno na pós-modernidade: refletindo sobre as comunidades de faxinais da Floresta de Araucária do Paraná. In: MARAFON, G. J. et al. Org. **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007. p. 207-223.

MONDARDO, Marcos Leandro. Os Caboclos do Sudoeste do Paraná: de uma “Sociedade Autárquica” a um grupo social excluído. In: História em Reflexão: **Revista Eletrônica de História**. Vol. 2, n. 3 – UFGD – Dourados Jan/Jun 2008.

NERONE, Maria Magdalena. **Sistema Faxinal: terras de plantar, terras de criar**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

SCHUSTER, Wladimir Teixeira; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. **Faxinais do Centro Sul do Paraná: temporalidades e territorialidades**. Anais do IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária e V Simpósio Nacional de Geografia Agrária. 2009.

SENIUK, Talita; SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. **Imigração Ucraniana e Colonização em Prudentópolis (1895-1945)**. In: Ateliê de História. Vol. 2, n. 1 – UEPG, Ponta Grossa, 2014.

SOARES, Joécio Gonçalves. **Comunidades Faxinalenses no município de Rio Azul-PR: Gênese, características e transformações nos padrões espaciais de povoamento**. 2012. 200f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UEPG, Ponta Grossa. 2012.

---

<sup>1</sup> Pós Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá. Email: herrstahlhoefer@gmail.com

<sup>2</sup> A terminologia da identidade cabocla é dada segundo (MONDARDO, 2008, p. 193) como *cúa*, mato, selva e *boc*, retirado, saído. Logo, os denominados caboclos eram aqueles que viviam no mato mas não necessariamente eram indígenas nativos, mas viviam em transumância entre o campo e a floresta.

<sup>3</sup> Normas coletivas baseadas em acordos comuns, sem a necessidade de criação de lei formalizadas

<sup>4</sup> Tais como Kaytsky em *A Questão Agrária* (1899), Lenin em *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (1899) e Chang em *Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná* (1988).

<sup>5</sup> Man Yu Chang em seu livro “Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná” considerava que este modelo de produção baseado em relações não-capitalistas no campo era rígido e pouco mutável, fundamentado em práticas econômicas muito específicas. Por esta razão a autora apontava para o fim dos faxinais a partir da modernização da agricultura nos anos 1970, o que não se verificou, uma vez que o capitalismo engloba inclusive aqueles que praticavam relações não-capitalistas de trabalho na sua lógica de mercado.

<sup>6</sup> Deixamos claro que a metodologia do Censo do IBGE não distingue as comunidades faxinalenses dos demais moradores rurais nos municípios em questão, também não há um mapeamento preciso e

atualizado para quantificar o êxodo da juventude. Os trabalhos de quantificação desenvolvidos pela EMATER e IAP possuem objetivos de mapeamento estrutural das comunidades e não aborda as questões do êxodo. Por essa razão verificamos junto ao Censo se existe este fluxo nos municípios em questão. Ainda que os dados não sejam precisos, eles apontam para um contínuo esvaziamento do campo para a cidade.